

PRESBÍTERO CLÁUDIO NEUTZLING: UMA REFLEXÃO SOBRE A MORTE

Marlos de Lima Mirapalmete¹

Resumo: Este artigo apresenta alguns fragmentos de pensamento do Presbítero Cláudio Neutzling a partir de um momento decisivo de sua vida, retratado em entrevista de televisão concedida às vésperas da Páscoa do ano de 2003, cujo tema central foi a morte – fato que veio a cumprir-se em sua vida naquele mesmo ano. O objetivo é examinar o pensamento filosófico elaborado por Neutzling e apresentado na entrevista, especialmente em relação ao tema da morte, a fim de traçar linhas de análise deste assunto na cultura e sociedade atuais.

Palavras chaves: Presbítero Cláudio Neutzling. Tanatologia. Filosofia. Teologia.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar o entendimento do Presbítero Cláudio Neutzling² sobre o tema da morte e qual a implicância desta temática para a sociedade atual. A entrevista intitulada “Vida, Morte e Esperança”, transcrita no livro *Festschrift em homenagem a Cláudio Neutzling*, com a organização de Avelino da Rosa Oliveira e Neiva Afonso Oliveira dá conta de suas impressões e sentimentos em relação à morte.

No dia 23 de abril de 2003, o Presbítero Cláudio Neutzling foi entrevistado pela TV UCPel, no programa Filosofia e Sociedade do Instituto Superior de Filosofia, da Universidade Católica de Pelotas. Neste artigo, abordaremos as ideias e pensamentos dos filósofos enunciados pelo presbítero, sem modificar a ordem em que foram aparecendo na entrevista. Preservamos a estrutura da entrevista e, em alguns momentos, nos reportamos muito ao que já foi mencionado em algum momento anterior. Dividimos em subtítulos, apresentando três blocos. No primeiro bloco, é apresentado o pensamento da negatividade da morte e, no segundo, uma introdução aos filósofos das Idades Antiga, Moderna e Contemporânea e o ponto de vista de cada pensador sobre a morte.

No segundo bloco, é mostrado num primeiro momento a concepção dos filósofos antigos, medievais, modernos e contemporâneos, porém, os últimos dois

¹ Acadêmico da Universidade Católica de Pelotas nos cursos de bacharelado e licenciatura em Filosofia. Email: marloslima_14@yahoo.com.br

² Presbítero Claudio Neutzling pertenceu ao clero da Arquidiocese de Pelotas/RS. Faleceu em 10 de julho de 2003.

períodos centram-se mais na concepção de uma linha ateia sobre a morte. Por fim, é apresentada a visão indiana que intervém na maneira de pensar e agir do espiritismo no Brasil a partir da influência de Alan Kardec.

2 A NEGATIVIDADE DA MORTE

Interessante é observar a advertência que o entrevistador, faz relativamente ao objetivo central da entrevista:

faremos um passeio pela História da Filosofia a partir do tema vida, morte e ressurreição, ou seja, um diálogo entre fé e razão. O Professor Cláudio vive, neste momento, uma situação que se vem prolongando desde o ano passado: a experiência com a doença, que é também uma experiência de vida. Nós desejamos fazer este debate sob o ponto de vista filosófico e também da fé³.

Com os objetivos apresentados, Neutzling é convidado a dizer suas palavras, não como um padre, mas como “[...] um membro do Instituto Superior de Filosofia, porque [fui] submetido a três intervenções cirúrgicas em oito meses e duas internações. Interessante é que ele se coloca como professor, que colaborou muito para o meio acadêmico contribuindo com a Universidade Católica de Pelotas e com a Universidade Federal de Pelotas.

Na entrevista, isto – sua participação na vida acadêmica e na Igreja Católica – influência até pelo motivo que o leva a debater em um programa de televisão, pois a Campanha da Fraternidade, naquele ano, tratava da fraternidade e pessoas idosas, com o tema: Vida, Dignidade e Esperança. O Presbítero que vive um momento árduo de sofrimento, constrói a reflexão da entrevista baseado no tema da Campanha.

Partindo da situação que está vivendo, o Presbítero conta que vem “[...] tentando refletir muito sobre isso [a morte], neste contexto de celebrar a Páscoa: paixão, morte e ressurreição de Jesus, como filósofo, mas também como teólogo [...]”⁴. E continua:

eu disse que vou debater esse tema, não tenho medo de refletir sobre coisas que o nosso ocidente acha uma tolice. Nós temos medo de refletir

³ NEUTZLING, 2003, p. 429.

⁴ Idem, p. 430.

sobre a morte, mas acho que não deve ser assim. A Filosofia em primeiro lugar, e a Teologia, muito mais, a sabedoria humana diríamos, e quem tem fé muito mais, deve contar com esta realidade⁵.

Este medo que o Ocidente tem de discutir a morte não influencia negativamente no debate, mas o impulsiona como filósofo, em primeiro lugar; depois, como teólogo. O Presbítero parte da filosofia, em um primeiro momento, que é comparada à sabedoria humana, e num segundo instante, conversa por meio da teologia. Um dos pontos relatados é a maneira como as pessoas o veem enfrentando esta doença, assustadas com a naturalidade com que maneja e relata seu destino. A maneira como o Pbro. Cláudio enfrenta a doença é algo que surpreende as pessoas, porque quando se deparam com alguém que está nessa situação, muitas delas não querem abordar o tema. E o modo como trata deste assunto é tão impressionante que ele mesmo conta que está “[...] tecnicamente desenganado. Desde a última operação estou aqui bem, mas em qualquer momento, vai desandar: é um câncer nos intestinos, por isso fui operado e faço quimioterapia”⁶.

A forma que expõe a sua condição de saúde é explícita que

nesses dias uma cunhada minha chorava, quando eu respondia pelo telefone, à pergunta: se eu ia bem. Perguntei a uma pessoa que tem formação universitária: você estudou estatística? Ela dizia sim. Então, na estatística há o desvio padrão, de 0,1%. Aí é, somente, um milagre, pode haver, mas o fato é que 99,9% eu vou ter que enfrentar a fase terminal com 60 anos, sob o ponto de vista clínico. Então, não há que não falar disto ou não há que dizer que isto não existe⁷.

Presbítero fala abertamente com a sua cunhada, que estava sofrendo ao presenciar o estado de saúde pelo qual ele estava passando e responde claramente o que ele pensa sobre a morte. Percebe-se que tenta explicar o que poderá acontecer consigo, sem negar a possibilidade do milagre.

O Presbítero recorre ao filósofo Cícero, a partir do artigo *Cícero e a Velhice* autoria do professor Victorino Piccinini, publicado no jornal Diário Popular. Diz Neutzling “Cícero era um pagão, que morreu no ano 43 antes de Cristo. Ele dizia que não enfrentar a questão da morte é uma estultícia”⁸.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

Piccinini diz:

Oh! Infeliz o velho que, em tão longo tempo, não entendeu que a morte deve ser desejada pois conduz para onde a vida é deliciosa e eterna! Não deve, portanto, ser chorada a morte à qual se segue a imortalidade, visto que as almas, de origem divina, são inextinguíveis. Gozam daquela verdadeira vida os que neste mundo viveram dignamente, como Cipião, Sócrates...⁹.

Victorino afirma que as pessoas mais velhas devem desejar a morte como algo que conduz o ser humano para onde a vida é deliciosa e eterna. A morte, para os gregos, deve ser um desejo interno, pois a alma é imortal, pelo fato de que a alma não acaba, uma vez que ela tem origem divina.

No existencialismo, segundo o Presbítero, há uma questão que ele a denominou de neo-estoicismo, de acordo com este ramo, deveria ir ao encontro dos gregos e romanos. Para adentrar-se nesta parte, o Presbítero fala nos estoicos que observavam a morte como um acontecimento natural¹⁰.

Os romanos, desde a filosofia grega porque foram pouco originais, herdaram uma reflexão de Sócrates, que segundo Neutzling, foi acusado e condenado de corruptor da juventude. O motivo desta condenação foi a abordagem de questões relativas à divindade, numa concepção que seria quase monoteísta pela filosofia, e pela imortalidade¹¹.

Na cultura grega, uma característica interessante é que também a morte é vista como uma realidade natural, uma realidade que faz parte da vida. Por outro lado, Aristóteles que em sua obra *De Anima* reflete sobre os assuntos da alma como uma parte racional/imortal, apresenta uma visão filosófico-metafísica¹².

Mas, como enfrentar este fato? Enfrentar “[...] a morte com tranquilidade”¹³. Mas o que é a morte para os estoicos? “A morte é uma realidade natural onde se tem a perspectiva da imortalidade pela parte racional, ou como os estoicos afirmam: ‘Nós temos razões seminais’, nós participamos com a nossa alma da centelha divina”¹⁴. Segundo Neutzling, isto é a filosofia estoica¹⁵. Esta é uma característica muito importante, pois influencia Marco Aurélio “[...] imperador romano, um filósofo

⁹ PICCININI, 2003.

¹⁰ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 435.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

¹³ NEUTZLING, 2003, p. 436.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 436.

que ia para as guerras, lutando, fazia filosofia, uma coisa muito rara [...]”¹⁶. Também Sêneca, este “[...] célebre filósofo estoico romano [...]”¹⁷, que contribuiu para que se pudesse pensar na morte como fato natural que acontece na vida, como o nascimento de uma pessoa.

Um ponto que chama muito atenção é a sinceridade que se coloca, baseado em Cícero, pois as pessoas não devem ter receio da morte. E parece que Presbítero concorda com os estoicos, porque a morte “[...] é uma realidade tão natural, como eu ter vindo ao mundo. Então devo com tranquilidade, como um filósofo e como cristão, enfrentar esse debate e enfrentar essa realidade”¹⁸.

Um exemplo deste estoicismo é a morte de Sócrates, ele que foi condenado à morte, não hesitou em matar-se, o que é diferente de suicídio. Na cultura grega, não existem carrascos, mas existe a lei, que diz o que deve ser obedecido. O dever é cumprir e, nesse sentido, se tem que matar a pessoa, tem que morrer, pelo fato de que a lei ditou, como aconteceu com Sócrates, que morreu acreditando como fato de uma realidade natural e crendo na imortalidade¹⁹.

Interessante observarmos a reação das pessoas, ou seja, da civilização ocidental não querendo confrontar-se com a morte, pois o “[...] medo de refletir sobre a morte [...]”²⁰, passa para o medo da extinção do ser. O que é a morte? O que acontece após a morte? Existe vida após a morte? São questionamentos relacionados à metafísica impossíveis de responder pela ciência.

Ainda que o processo do morrer possa ser, em parte, imaginado e representado, isso não será possível com a morte, sua consequência final. O fato de não poder saber-se o que ocorre quando a morte chega e, ao mesmo tempo, sentir-se o terror com sua proximidade, acrescenta ao ser humano outro tipo de sofrimento, o de não-saber. O não-saber é vivenciado também como terrorífico, um vazio que nos mostra que, ao nada sabermos, nada podemos fazer. É essa ansiedade que nos impulsiona a buscar respostas e soluções que possam, de alguma forma, preencher algo desse vazio assustador. Uma tática será transpor a experiência da morte para aquilo que a antecede, isto é, o processo de morrer. Por vezes, sobreviventes relatam experiências e vivências que se estendem num espectro que vai desde o terror até visões alentadoras de paz e tranquilidade, passando pela indiferença. A tendência a valorizar experiências boas (com indícios da existência de outra vida em seguida à morte) pode ser tanto o resultado da necessidade humana de desacreditar a

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ NEUTZLING, 2003, p. 430.

¹⁹ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 430.

²⁰ NEUTZLING, 2003, p. 430.

não existência como do estudo de relatos de algumas pessoas que vivenciaram situações desse tipo²¹.

Como as pessoas não têm acesso a respostas relacionadas após a morte, Roosevelt Cassorla²² fala em não-saber, que ocasiona a apreensão do desconhecimento das respostas exatas ao tentarmos compreender o mistério da morte. Na compreensão do autor, existe mais um sofrimento para o ser humano, o sofrimento do vazio, que impossibilita realizar qualquer atividade que venha intervir nas questões metafísicas, citadas anteriormente.

O não-saber e o vazio causam no ser humano ansiedade que estimulam a buscar uma saída para estes problemas, como a busca de respostas nas experiências de pessoas que quase morreram. O ser humano valoriza as que são boas, as que trazem visões que remetem à paz, à tranquilidade, passando pela indiferença.

Relevante a observação que Cassorla apresenta fazendo referências àqueles que acreditam na vida pós-morte. O autor expressa claramente que a tendência destes é a valorização de experiências boas que tenham resquícios de outras vidas. Para Cassorla, existe um mecanismo que as pessoas possuem, que é da projeção que “[...] constitui numa negação porque a responsabilidade pelo mal, pela destruição, pela morte, é colocada fora do indivíduo”²³.

Quando morre alguém inocente, rapidamente fica-se muito horrorizado, chocado, tem-se indignação com o fato, mas logo este sentimento começa a desaparecer, nas pessoas. O que ocorre na maioria dos casos “[...] busca-se um culpado, negando-se que esse culpado apenas é parte de um fenômeno extremamente complexo”²⁴.

As pessoas quando se defrontam perante a morte dos outros consideram que a culpa é dos outros, desconsiderando que a morte pode vir como algo natural. Para compreender melhor, se um paciente jovem de 20 anos de idade, com problemas cardíacos, é submetido a uma cirurgia de urgência e em algum momento da cirurgia, sofre uma parada cardíaca, e, as inúmeras tentativas de reanimá-lo são insuficientes para salvar aquela vida, lamentavelmente, vem a falecer, a maioria das pessoas tenderá a culpar a equipe médica.

²¹ CASSORLA, 2009, p. 271.

²² Psicanalista e Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

²³ CASSORLA, 2009, p. 275.

²⁴ Ibidem.

O conceito de Cassorla de buscar um culpado é bem plausível neste exemplo acima, pelas características do paciente, um jovem com 20 anos, saindo da adolescência, fazendo novas descobertas, entre outras características. O culpado pela morte do jovem, neste momento, será de algum terceiro, independente das razões que o levaram para o bloco cirúrgico. Pelo simples fato de ser jovem, a família aceitaria rapidamente colocar a culpa em outros, eximindo-se de compreender a possibilidade de algo natural. O medo da morte “[...] é o mais terrorífico, porque implica no desaparecimento, aniquilação do ser. O terror de tornar-se não-existente (pelo menos como forma de vida conhecida) persegue todos os seres os humanos [...]”²⁵.

Uma importante análise que Cassorla apresenta é a elaboração de uma comparação²⁶ do pensamento e ações da sociedade de alguns anos atrás e nos dias de hoje.

Há alguns anos, a sociedade julgava que os problemas sociais que estavam presentes, como: a miséria, o desrespeito humano, a falta de cidadania, a desigualdade, a pobreza, entre outros, era de responsabilidade dos indivíduos que viviam à margem da sociedade. A camada social superior a outras, que são pessoas ricas e que dispõem de muito dinheiro começam a esconder-se em condomínios cada vez mais fechados, com sistemas de segurança 24 horas por dia, com espaços exclusivos de acesso restrito aos moradores e convidados, entre outras "comodidades necessárias".

Este universo criado de modo utópico, pela forma como alguns setores da sociedade tentam idealizar a vida em comum, projetando espaços privados de convivências, relacionando, segundo Cassorla, com a ideia de imunidade, quase de imortalidade. No momento em que há ameaça de morte, é combatida por meio de intervenções policiais “[...] através de invasões de favelas, chacinas, esquadrões de morte, morticínios em prisões etc”²⁷.

Cassorla adverte que se a “matéria-prima propícia para manter a negação de que a violência e a morte estão dentro de nós, e que se o indivíduo e a sociedade não se transformarem profundamente, a morte precoce continuará presente,

²⁵ Ibidem, p. 271.

²⁶ Cf. CASSORLA, 2009, p. 275.

²⁷ CASSORLA, 2009, p. 275.

impedindo que a vida se desenvolva”²⁸. Esse tipo de posicionamento impede que as pessoas tenham a concepção de que a morte faz parte da vida, como realidade natural.

Presbítero Cláudio Neutzling supõe que a cultura ocidental transforma a morte em um tabu, pela ocorrência do que era habitual acontecer nas cidades, os cortejos fúnebres. Estes cortejos na época “[...] eram velados na cidade e, depois, sempre mais nas capelas mortuárias do cemitério; sempre mais fechados, sempre mais cobertos com lenços. Quando fazem orações, nem mais tiram o lenço, para ninguém ver a morte”²⁹.

Aqui, observam-se as características que se perderam ao longo do tempo, percebe-se que naquela época, as pessoas não receavam tanto a morte. Elas tinham o hábito de “desfilarem” com os seus falecidos pelas ruas das cidades, o que hoje pode até ser considerado “estranho” pelo fato da perda desta prática nas cidades³⁰.

Voltando ao momento de relato do Pbro. Neutzling, interessante é o fato de estar em um programa de televisão específico de filosofia, debatendo como um filósofo e não como um teólogo. É compreensivo que traga enunciações teológicas, até por causa da sua formação intelectual composta por filosofia e teologia.

Ao começar o debate, ele apresenta Martin Heidegger, que menciona o “homem como um ser para a morte”³¹. Escapar da morte é algo impossível; não há como dela fugir, uma vez que é algo essencial à existência humana.

Segundo Wilhelmus Antonius Maria Luijpen³² “a vida é destinada à morte: assim que começa a viver, o homem tem a idade suficiente para morrer. A morte não é um fato externo que ocorre ao homem; é intrínseca à vida de tal maneira que o ser do homem pode chamar-se um ser-para-a-morte”³³.

A morte é uma estrutura existencial que define a subjetividade humana, e isso significa que a possibilidade de morrer é parte da estrutura de nosso mundo à medida que o experienciamos agora, não apenas algo que é adiado para mais tarde. Em uma linguagem mais filosófica, podemos dizer que a morte é uma possibilidade futura que é constitutiva do ‘agora’, do

²⁸ Ibidem.

²⁹ NEUTZLING, 2003, p. 431.

³⁰ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 431.

³¹ NEUTZLING, 2003, p. 431.

³² Membro da Ordem Agostiniana, professor no Philosophicum Augustinianum de Eindhoven, catedrático em Tilburg e em Delft.

³³ LUIJPEN, 1973, p. 389.

presente. Podemos entender essa afirmação no sentido de que meu presente é o que ele é, somente devido à minha compreensão de que esse presente é finito e que não prosseguirá para sempre³⁴.

O homem “não é infinito”³⁵, mas finito, pois é importante notar que “[...] a morte não é, portanto uma cessação. O Dasein não cessa de existir por efeito de um acontecimento ou acidente exterior: a morte é para ele uma maneira de ser que o afecta enquanto existe”³⁶.

Não há possibilidade de transcendência e espiritualidade e o que se quer dizer é que o ser humano, como pessoa, como Ser irá acabar, sua existência extinguir-se-á e não há como existir eternamente. O homem é finito, caminha para a morte, mas não no sentido de levar a vida em direção a ela, mas ser consciente que um dia a morte chegará, que não há possibilidades de haver surpresas que o redima disto.

Para o homem chegar a essa consciência, Heidegger fala em existência inautêntica e autêntica. A existência inautêntica é aquela em que o homem tem angústia de compreender que um dia virá a morte. A inautenticidade foge da morte, não quer compreendê-la, encará-la de frente, quer seguir como os “outros” fazem. Daí a necessidade de que ocorra a angústia, momento em que a pessoa está consciente de sua existência.

A angústia “[...] é sinal do sentimento autêntico da condição humana. A angústia é cavada pela percepção brutal e nua do nosso ser-no-mundo, “da mundanidade do mundo em estado puro”, da nossa caminhada para a morte”³⁷. O medo naquilo “[...] que temo é sempre certa coisa ou uma determinada pessoa”³⁸. Já a angústia “ao contrário do objeto do medo, o que me angustia é inteiramente indeterminado”³⁹. “Na angústia, desmorono todo o mundo em que me encontro envolvido”⁴⁰. Tendo em vista a inautenticidade, o homem é aquele que foge da angústia, mas com ela se encontra, porque quando se percebe que está caminhando para a morte, andando para algo não se sabe o que é, angustia-se.

³⁴ REYNOLDS, 2014, p. 68.

³⁵ NEUTZLING, 2003, p. 434.

³⁶ JOLIVET, 1961, p. 128.

³⁷ NEUTZLING, 1963.

³⁸ LUIJPEN, 1973, p. 385-386.

³⁹ Ibidem, p. 386.

⁴⁰ Ibidem.

Para se compreender melhor essa inautenticidade do homem, conhece-se que a morte é tratada hoje como um falecimento, como um caso social⁴¹. Não se observa como algo que “irá acontecer comigo”, mas sim “algo que acontece com os outros”. A angústia é a expressão da autenticidade, porque o homem foge da angústia de ter que se haver com a facticidade da morte.

A angústia da morte é aquele momento em que acaba todo o “meu chão”, o mundo desaparece, não há como saber o que irá acontecer. Presbítero menciona que “nós temos medo de refletir sobre a morte, mas acho que não deve ser assim”⁴². Neutzling, na condição em que vive, pode-se dizer que se encontra numa existência autêntica, porque deixa bem claro que dependendo da chave de leitura⁴³ de cada pessoa, deve-se viver com naturalidade. Considera-se que a existência autêntica é aquela que a pessoa não foge da morte. Esclarece que “[a morte] é uma realidade tão natural, como eu ter vindo ao mundo”⁴⁴.

O nascimento de uma vida e a morte de uma pessoa são tão parecidos para Neutzling, que não há diferença entre elas. Uns nascem e outros morrem, não tem como haver uma fuga deste destino.

Ninguém pode assumir a morte do outro. De certo, pode-se “morrer por outrem”. No entanto, isso quer dizer sempre: sacrificar-se pelo outro “numa coisa e causa determinada”. Esse morrer por..., no entanto, jamais pode significar que a morte do outro lhe tenha sido, de alguma maneira, retirada. Cada presença deve, ela mesma e a cada vez, assumir a sua própria morte. Na medida em que ‘é’, a morte é essencialmente e cada vez, minha⁴⁵.

A morte é da pessoa, como se fosse única, não há possibilidade de vivenciar a morte do outro, ou seja, morrer por outrem. Neutzling afirma que Heidegger baseou-se em Kierkegaard para afirmar “se eu nasço eu tenho mil possibilidades, ‘n’ possibilidades”⁴⁶.

As possibilidades são inúmeras, aponta para a escolha de inúmeras coisas, menos a possibilidade de quando morrer, exceto os casos de suicídios, em que as pessoas “escolhem” o momento de cessar sua vida.

⁴¹ Cf. LUIJPEN, 1973, p. 390.

⁴² NEUTZLING, 2003, p. 430.

⁴³ Um cristão falaria de morte, ressurreição... um pagão falaria de imortalidade...

⁴⁴ NEUTZLING, 2003, p. 430.

⁴⁵ HEIDEGGER, 2005, p. 20.

⁴⁶ Ibidem, p. 431.

Não há escolha, há uma única possibilidade e está já se sabe que é a morte, e isto, não é algo que é marcado ou definido. Mas Kierkegaard, segundo Neutzling, “coloca o homem na abertura para o Absoluto. É o lançar-se na grande possibilidade da solução final”⁴⁷.

Kierkegaard possui a teoria dos estádios, são três: o estádio estético, estádio ético e o estádio religioso. O “[...] *estádio estético* é aquele em que o homem se abandona à imediatidade, o *estádio ético* em que submete à lei moral (o geral, como se diz), e o *estádio religioso* em que o homem, abraçando a eternidade, deixa-se dirigir pelo amor, para além do bem e do mal”⁴⁸.

Cada estádio tem as suas características, que são importantes para constituir o homem, independente do estágio que a pessoa estiver, ele é importante. Segundo Charles le Blanc⁴⁹

não são estádios que se transformam, que passam de um a outro (senão teríamos uma teoria ou um sistema objetivo da existência): é o Indivíduo que muda, experimenta, sente, detém-se e pode até recuar⁵⁰.

Neutzling descreve o estádio religioso e usa o elemento bíblico, a figura de Abraão, que se joga no Absoluto, que é marcado por uma fase metafísica da vida que é a mais madura, que depois passa por Dom Juan. Logo depois da fase ética em que o homem que é trabalhador, casa e tem a sua família⁵¹, o ser humano, no momento em que estabelece a sua vida, após o processo de constituir a família, adquire os seus bens, já passou a fase da imaturidade, começam as grandes interrogações da vida⁵².

O estádio religioso – apresenta Blanc – algo muito interessante, que é a história de Abraão que em um momento recebe uma mensagem de Deus que tem que sacrificar o seu filho Isaac, que foi concebido quando sua esposa era estéril e estava na velhice.

Abraão tinha muitas possibilidades de não imolar o seu filho, pelas diversas razões, que era o seu único filho, e que sua esposa não podia ter filhos, mas ele possuía sua fé e acreditava que se Deus entregou a ele o filho, por que não devolver

⁴⁷ Ibidem, p. 433.

⁴⁸ FARAGO, 2011, p. 120.

⁴⁹ Doutor em filosofia e professor de filosofia pela Universidade do Quebec.

⁵⁰ BLANC, 2003, p. 53.

⁵¹ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 433.

⁵² Ibidem.

a quem lhe deu? Mas Blanc conta que a experiência deste pai, que recebeu este pedido, “durante os três dias de viagem, Abraão contemplava o filho e seu coração apertava-se. Assim mesmo, escalou com Isaac, o monte escolhido por Deus. Ali ergueu um altar, sobre o qual depôs a madeira para o holocausto e em seguida amarrou o seu filho”⁵³. Depois um anjo que não o deixou imolar o seu filho, porque Deus queria provar até aonde era a sua fé. Com esta bela história, Kierkegaard, remete que a fé é algo que se acredita, diferente do estágio ético que se vive na moral, sobre regras da moral. Este estágio é jogar-se no Absoluto, como Neutzling diz, pois “apenas o estágio religioso permite ao homem ir muito além do prazer, muito acima da lenta felicidade do dia a dia, conhecer a visita perturbadora da alegria [...]”⁵⁴. Isto é viver o cristianismo verdadeiro, uma característica interessante é que este homem entra em contato com o Absoluto, cumpre o que este mandar, e que até pode levá-lo a uma ruptura com os homens e com a moral⁵⁵; o que Kierkegaard joga a possibilidade que é Deus, Neutzling compara esta possibilidade de Kierkegaard com a possibilidade de Heidegger, a possibilidade do ser-para-a-morte⁵⁶.

Sendo questionado sobre Karl Jaspers a respeito da situação-limite, a fim de compreender Jaspers, Presbítero situa-o dentro da religião, dizendo que é luterano. Sobre a finitude é necessário, porém situar-se dentro do pensamento do autor. Neste caso, segundo Neutzling, todavia é indispensável para conceber o pensamento de Jaspers entender dentro da transcendência, que “[...] também não diz de todo como isso é”⁵⁷.

A possibilidade da pessoa algum dia morrer é certa. Lembra Cláudio que todo o ser humano tem horizontes na vida, possui alguma característica que o leve a pensar o além. Este além conduz a pessoa a uma abertura para o espiritual. Chama a atenção para o fato de que as pessoas apresentam experiências que vão além do mundo físico, que é o espiritual.

Este horizonte na vida, que segundo o Presbítero “todos nós sempre temos horizontes que, até às vezes, físicos”⁵⁸, vai-se descobrindo a todo instante. Os horizontes englobantes envolvem em círculos, estes horizontes e círculos são as

⁵³ BLANC, 2003, p. 71-72.

⁵⁴ FARAGO, 2011, p. 127.

⁵⁵ Cf. BLANC, 2003, p.73.

⁵⁶ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 433.

⁵⁷ NEUTZLING, 2003, p.433.

⁵⁸ Ibidem.

cifras.⁵⁹ Estas cifras têm que ser decifradas, em seguida chama de cifra da cifra, afirmando que a cifra maior do ser humano é o horizonte da morte, este que deve ser questionado, confrontado para que possam decifrar. Infelizmente, segundo o Presbítero, não há retorno. São questionamentos que veem causar angústia, este é produzido pela forma que se apresentam todas as coisas, sem saber realmente o que é, pelo fato de tudo ser desconhecido, fisicamente ou espiritualmente⁶⁰.

A fim de aprender o significado de cifra da transcendência, é necessário compreender a concepção de cifra da transcendência. Neutzling entende por cifras da transcendência *para além de*. Isto apresenta algo valioso, que é a possibilidade, para os cristãos, de encontrar Deus, mas “ele não diz que é Deus [...] mas interpreta e abre para a questão espiritual – sim ou não, é discutível –, mas Jaspers deixa a reflexão em aberto”⁶¹.

Presbítero fala da origem da palavra existência, a etimologia da palavra. A palavra “ex-sistencia”, é/ou significa ser para fora, ou seja, ser-aí. A palavra “ex” é do latim que significa *para fora*, que dá a origem a palavra existência, e complementa com a seguinte afirmação, que isto um dia tem limite⁶².

Segundo as anotações pessoais do Presbítero, existir

[...] significa ec-xistir, ou seja, estar no mundo o homem existe ou se realiza como uma interioridade, um eu na medida em que sai de si. Xistir – está “com” ou “perto” das coisas, “com” outrem. O homem ec-xiste porque a consciência humana é a abertura originária sobre o outro - é consciência “de”.

Daí existir – ec-sistir – ek-sistir – da-sein
Ser-no-mundo = Heidegger⁶³

Segundo Presbítero Cláudio, “o século XIX colocou o homem numa visão às vezes panteísta”⁶⁴. Esta colocou o homem numa visão que a essência do ser é o sujeito. Hegel coloca o homem, sob influência do panteísmo, como um ser divino. Já no século XX, existiram reações entre as visões panteístas e visões críticas de filósofos como Nietzsche, Feuerbach e Marx, que colocam esta questão da morte nos limites da finitude⁶⁵.

⁵⁹ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 433.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ NEUTZLING, 2003, p. 434.

⁶² Cf. NEUTZLING, 2003, p. 434.

⁶³ NEUTZLING, [s.d]a

⁶⁴ Idem, 2003, p. 434.

⁶⁵ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 434.

Kant lança a questão da morte ou finitude para os limites do conhecimento, que “o homem é um ser finito. Não é infinito”⁶⁶. A sua definição é muito interessante, pelo fato de que o conhecimento não tem condições de apreender o que vai além da razão. Com isto, tem-se que o homem é finito, acaba, porque não há como conhecer o que é infinito.

Neutzling fala que se pode compreender num âmbito (a infinitude) na relação de algo que transcende, da possibilidade de ser uma espiritualidade. O seu objetivo aqui é demonstrar que o ser humano é finito e exhibe o pensamento de alguns filósofos da linha ateia, para que, durante a entrevista, possa fundamentar-se que o ser humano é finito.

Chamada de loucura, este pensamento, fazendo referência a todos aqueles que consideram que o indivíduo é infinito ressalta que as pessoas refletem sobre isto, quando se deparam de alguma forma com a morte de algum familiar ou amigo⁶⁷. Estas questões parecem e simulam uma situação em que “cai a ficha” quando acontece, pois, antes as pessoas não refletem, têm medo de pensar, ou até mesmo, possuem um tabu na hora de pensar sobre este assunto. Como há uma presença deste sentimento, à de renúncia, então, quando surge, começa-se a compreender que não se é infinito, mas finito.

Hoje é muito presente, o mito da juventude perene, que é do século XX e também no século XXI, que “[...] valoriza o jovem pela força e beleza física”⁶⁸. O reconhecimento é pela sua capacidade de estar belo e bonito, é como um vale tudo: vale fazer cirurgias de implantes e plásticas para ficar jovem.

A beleza hoje é fundamental para a maioria das pessoas, mas o que eles querem é realmente esconder-se da morte. O que é interessante de observar que a cultura ocidental acredita na ressurreição, pela influência do cristianismo, mas as pessoas tentam ir para o além, procuram o que está no oriente, mais especificamente na Índia, que creem na reencarnação, pregada pela teoria espírita desenvolvida por Alan Kardec.

Na cultura ocidental, a procura pela longevidade está fundamentada no espiritismo, que tem influências do Ocidente, mais especificamente na cultura indiana, pois segundo Cláudio Neutzling “[...] não é da cultura ocidental mais lúdica,

⁶⁶ NEUTZLING, 2003, p. 434.

⁶⁷ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 434.

⁶⁸ NEUTZLING, 2003, p. 434.

embora esteja em Platão, em alguns gregos, mas por influxo indiano, via Pérsia”⁶⁹. Como existe a visão cristã que acredita na ressurreição, Presbítero Neutzling também cita o espiritismo como uma religião muito presente na cultura do ocidente.

3 A MORTE E OS EXISTENCIALISTAS, SEGUNDO NEUTZLING

Os neo-estoicos do século XX são os existencialistas a exemplo de Sartre, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty e Camus. De acordo com Neutzling, eles escreveram uma “[...] alta ética, uma alta visão de vida e de existência – Sartre, até com grande engajamento político”⁷⁰.

Como são ateus, não existe aqui uma perspectiva de ressurreição, nem de reencarnação e muito menos de uma vida eterna; o que apresentam é uma concepção que logo depois da morte, tudo acaba. Jean-Paul Sartre afirma: “[...] acabamos num objeto, porque a vida, a existência é realmente um objeto, coisificável”⁷¹. O que realmente assevera Sartre é que não existe mais nada além morte.

Os neo-estoicos propõem que se viva a vida com intensidade, com ética, e com dignidade. Estes propõem o suicídio, ao contrário dos estoicos que “[...] eliminavam-se porque chegavam a uma situação de impasse; então, estoicamente, enfrentavam a morte como uma realidade natural e crendo na imortalidade”⁷².

Simone de Beauvoir é uma das raras filósofas que escreveram sobre a velhice e ao escrever a sua obra *O segundo sexo*, menciona a morte de Sartre. O livro foi recebido pelo público muito negativamente devido a algumas descrições de cenas de Sartre. Uma característica importante é que ela é uma feminista e seu livro *O Segundo Sexo* é a primeira das publicações sobre o feminismo. Segundo Neutzling, Beauvoir foi uma feminista, uma humanista, que se importa com os outros.

Os estoicos do século XX são diferentes dos antigos devido à sua concepção de morte, são neos e ateus, não acreditam que pela razão se chegará à imortalidade, mas a morte é um fim. A vida que eles levavam era de muita luta, com muita dignidade. “Um exemplo dessa vertente é Sartre que considero um lutador que

⁶⁹ Ibidem, p. 435.

⁷⁰ Ibidem, p. 436.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

participou como ativista das manifestações de maio de 68, na juventude universitária francesa”⁷³.

Outro significativo ponto é a abertura de Sartre para o diálogo. Pelo que se percebe, a forma com que Cláudio expõe como os jovens universitários conseguiam dialogar com Sartre, o que nos leva a dizer que os neo-estoicos não eram muito de conversar com os estudantes universitários. Sartre, como era muito próximo dos estudantes, alguém com quem os universitários conseguiam conversar era tido como uma pessoa presente no meio acadêmico de Paris e do mundo⁷⁴.

Neutzling não concordava muito com o pensamento de Sartre, pelo fato deste possuir uma visão muito “fechada” em termos espirituais⁷⁵. O que é de se compreender, por ser um ateu. Alguém que não acredita no transcendente, na metafísica, não teria um olhar “aberto” para o transcendente.

Surge um pedido do entrevistador, que tendo passado pela filosofia clássica, depois passando para o período do século XX, e para a filosofia contemporânea, para tratar da filosofia da Idade Média e da modernidade e do modo como viam a morte⁷⁶. Na Idade Média, Platão e Aristóteles são retomados, surgindo um Platão reencarnacionista, porque a Idade Média ela é cristã⁷⁷.

Antes de passar pelo período medieval, Neutzling apresenta Plotino, filósofo antigo, que possui uma visão quase de eterno retorno, que não é uma ideia de revelação. Esta ideia de retorno é o termo que nós usamos de ressurreição, ou seja, tudo vem do uno e volta do uno. Nesse retorno, não existem salvos tampouco perdidos, porque tudo é carregado deste Uno, tudo o que existe, tem uno⁷⁸. Plotino tem uma ideia de “[...] retorno ao Uno, uma visão mística, alguns dizem panteísta, outros dizem que não é, mas uma fusão com o todo Uno”⁷⁹. Segundo Neutzling, como a visão é mais platônica, olha-se sempre no esquema criação, morte e ressurreição⁸⁰. A sua perspectiva lembra o cristianismo de alma e matéria.

⁷³ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 437.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ibidem, p. 437-438.

⁷⁸ “Segundo Plotino, todo ente é tal em virtude de sua ‘unidade’: retirada a unidade, retira-se o ente. Ora, há princípios de unidade em diversos níveis, mas todos pressupõem um princípio supremo de unidade, que ele denomina precisamente de ‘Uno’, e o concebe “acima” do ser e da inteligência” (REALE, 2011, p. 358).

⁷⁹ NEUTZLING, 2003, p. 438.

⁸⁰ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 438.

Na Idade Média, apresenta-se Santo Tomás de Aquino, que segue uma linha aristotélica, que vê a morte numa perspectiva da imortalidade da alma, sem negar a ressurreição. Através da obra de Aristóteles *De Anima*, Aristóteles enfatiza muito a compreensão da alma como imortal⁸¹.

Esta compreensão de imortal é tida como uma perspectiva racional revestida de todos os elementos cristãos como a fé cristã, a ressurreição e perfaz o ponto central de sua filosofia – a imortalidade, novo contexto da antropologia cristã⁸².

O entrevistador complementa a exposição dizendo que o modo de pensar da Idade Média é sobre o ponto de vista filosófico, os temas teológicos, como o caso da ressurreição. Presbítero esclarece por que tudo está dentro do esquema cristão e é com a filosofia grega que se obtém e se retoma⁸³.

Na modernidade, Neutzling diz: “Eu teria talvez menos elementos para saber como esses filósofos olham essa questão”⁸⁴. Uma característica deste período é o combate ao cristianismo, por isso que não há elementos para se falar de ressurreição, teve uma grande influência do iluminismo, por essa razão a modernidade trata da questão da imortalidade⁸⁵.

Sugere-se que poderá ser como Spinoza vê a morte. “Então nós somos sempre um momento do Todo, da substância única; e depois dá o repique em Hegel, numa maneira muito mais dinâmica, dialética”⁸⁶.

Um outro filósofo moderno que aparece em sua fala é Kant, que na *Crítica da Razão Pura*, deixa para um segundo plano o problema da alma e da imortalidade. Deus e a moral estão presentes na *Crítica da Razão Prática*. Este é o embasamento do entrevistador com Neutzling sobre se Kant retoma o problema da imortalidade na sua ética⁸⁷. A imortalidade está presente na filosofia de Kant, na ética. Kant, segundo o Presbítero Cláudio, diz “[...] o homem é limitado no seu conhecimento, portanto tem dados que ele não atinge, eles são sem sentido [...]”⁸⁸. Logo em seguida, Wittgenstein – citado na entrevista – vem afirmar que a imortalidade é para

⁸¹ Ibidem.

⁸² Ibidem.

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ NEUTZLING, 2003, p. 438.

⁸⁵ Cf. NEUTZLING, p. 439.

⁸⁶ NEUTZLING, 2003, p. 438.

⁸⁷ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 438.

⁸⁸ NEUTZLING, 2003, p. 438.

além da nossa razão, porque “[...] está num mundo fenomênico abordado pelo entendimento que era juízo sintético a priori”⁸⁹.

Um aspecto interessante da modernidade é a separação entre filosofia e teologia. Ocorre que, na Idade Média, a filosofia era um saber conjunto com a teologia, que fornecia muitos pontos para a reflexão. No século XX, Neutzling afirma, existem filósofos que expressam a sua tristeza desta desunião da filosofia com a teologia.⁹⁰ Com esta cisão, a filosofia começa a se "perder", uma vez que se coloca em frente a problemas que são pequenos, que se transformam em problemas muito grandes. Quando estava unida à teologia, os problemas/questionamentos não estavam reduzidos a "pequenezas filosóficas", mas encontrava-se com mais criatividade, para a solução das questões.⁹¹

Requisitado para falar sobre a maneira com que os filósofos do século passado se manifestaram sobre a finitude, pensa-se que aqui faz referência à modernidade, e na contemporaneidade ao fenômeno da vida e também da morte, ao mesmo tempo como possibilidade e como isto dá sentido⁹². O que é curioso é que o entrevistado não responde num primeiro momento, a este questionamento, mas retoma alguns pensamentos da filosofia que ainda não tinham sido abordados. Como por exemplo, Karl Marx que diz que a pessoa precisa marcar sua história e esta história mencionada é a sua trajetória, a história que está aqui presente; o homem precisa colocar sentido na história. Este sentido vem através de suas obras históricas, das revoluções, das lutas, ou seja, das lutas revolucionárias⁹³.

Em Marx, a imortalidade se dá num conjunto de fatores, na história e, segundo Neutzling, não é como nos gregos e no cristianismo que a imortalidade é pessoal, “[...] mas dá-se na história, nas obras históricas”⁹⁴. Esta característica interessante está muito presente na sociedade brasileira, como também um tanto de existencialismo neo-estoico, como também uma visão ateia.

O sentido da vida está nas memórias, nas obras sociais, nas atividades que cada pessoa faz, pelo simples fato de que a pessoa está viva, e por ter existência, já está marcando presença na história. Com este modo de pensar, que é marxista,

⁸⁹ Ibidem, p. 439.

⁹⁰ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 439.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem, p. 439-440.

⁹³ Ibidem, p. 440.

⁹⁴ NEUTZLING, 2003, p. 440.

alguns filósofos tiveram influência deste pensamento, como Sartre e Merleau-Ponty, que, por um curto tempo, participaram do Partido Comunista.

Assim eles pensam: “[...] na história eu fico; outros são materialistas e não querem ver, pois entendem um declínio natural; outros ainda se põem a questão do limite, nesta linha mais instigadora [...]”⁹⁵. Com este pensamento, conforme Neutzling, não conseguem avançar, porque concebem que há um limite⁹⁶. Este limite é o da filosofia, que não consegue continuar o pensamento, por não terem (os filósofos) uma formação teológica, se limitam a não debater, colocando-se assim um limite que não é a continuidade da argumentação. É respeitável que permitam avançar nos argumentos, pelas suas crenças porque muitos são católicos ou protestantes, mas não avançam⁹⁷.

4 A MORTE, SEGUNDO A FILOSOFIA ORIENTAL

Como se observou, para os estoicos, a morte era algo natural. Na cultura indiana, a morte é pensada de forma diferente, porque a crença é na matéria como “[...] a fonte do mal [...]. Então, sair fora da matéria é toda a glória. Sair da matéria, desencarnar-se”⁹⁸ é validar a vida segundo seu desiderato. O problema da matéria não existia para os estoicos, porque não interferiria nas coisas, pois a pessoa deveria compreender a morte com tranquilidade, como algo que acontece naturalmente no nosso cotidiano, como o nascer.

Com esta visão oriental “[...] na Índia que surgem as visões reencarnacionistas, dos Vedas, do velho Bramanismo, do Hinduísmo [...]”⁹⁹. Interessante observar, nos escritos pessoais do Presbítero Cláudio, o significado de Veda. O nome Veda significa conhecimento que se sustenta pelos Mantras e Brâhmanos. Os Mantras significam hino dirigido a algum deus ou deuses. Já os Brâhmanos são ritos em prosa, dos rituais dos Vedas. Este nome significa deriva de Brahman que tem significado de oração¹⁰⁰.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 440.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ NEUTZLING, 2003, p. 441.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Cf. NEUTZLING, [s.d] b.

O Budismo que é um ramo mais ético deste movimento da religião indiana, diríamos, um viés mais ético-moral. Todas essas raízes dessa milenar cultura trazem uma ideia filosófico-religiosa, espera-se, de sabedoria; uma mística e filosofia que inspiram essas religiões e seus desdobramentos. Nós temos uma ideia de uma reencarnação¹⁰¹.

Segundo Neutzling, a matéria para a cultura indiana faria

[...] a fusão com Atman, com aquela força, a energia primitiva, fundamental. Mas isto tem desdobramentos, eventualmente, até mantendo a individualidade. Ora, isto influencia culturas muito mais antigas: a grega e a egípcia, ou aquela suméria [...] ¹⁰².
A palavra *atman*, originalmente, significa respiro vital (alemão: atmen – respirar) e gradualmente adquiriu significados de sentido, mente, alma e espírito. *Atman* significa, então, o que tudo *pervade*¹⁰³, o que é sujeito e o que conhece, experiência e ilumina os objetos; e que permanece imortal e permanece sempre o mesmo¹⁰⁴.

Segundo Neutzling, a matéria é negativa, pois a filosofia na Índia teve muitas influências dos Persas, que “[...] formaram um grande império e dominaram parte da Índia, chegando até a Grécia”¹⁰⁵. Na Índia “[...] têm escolas materialistas, mas o grande filão não é este. Eles têm uma visão muito idealista, chamada também “idealismo” no Ocidente, em que a realidade é negada. A matéria seria, exatamente, a fonte do mal na visão oriental”¹⁰⁶.

O materialismo na Índia surgiu “[...] como protesto contra o expressivo monaquismo dos sacerdotes Brahmanes, contudo, o materialismo como metafísica nunca teve muita aceitação entre a filosofia indiana. Naquele contexto anti-monacal, surgiram o Jainismo e o Budismo, suprimindo com doutrinas éticas e espirituais o que o materialismo reivindicava”¹⁰⁷.

A negação da matéria veio, segundo Neutzling, quando

[...] formaram um grande império e dominaram parte da Índia, chegando até a Grécia. Os gregos tiveram muitas guerras com os persas. Então, esta cultura também transitou para a Grécia. Daí vem a ideia de transmigração das almas em Sócrates e especialmente em Platão¹⁰⁸.

¹⁰¹ NEUTZLING, 2003, p. 441.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Palavra em inglês, que significa penetrar, permear, impregnar. (Cf. PERVADE, 2016).

¹⁰⁴ NEUTZLING, [s.d]b.

¹⁰⁵ Idem, 2003, p. 441-442.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 441.

¹⁰⁷ NEUTZLING, [s.d]b.

¹⁰⁸ Idem, 2003, p. 441-442

As escolas materialistas influenciaram “[...] culturas muito mais antigas: a grega e a egípcia, ou aquela Suméria [...]”¹⁰⁹ que onde hoje é o Iraque, povoado na época pela cultura dos Persas. No momento em que se refere aos Persas, surge uma indignação sobre a destruição de um museu na guerra do Iraque. O Museu era importante para os estudos arqueológicos, mas também para outros pesquisadores, continham objetos oriundos de escavações, foram-se remontando ao período da cultura “[...] subjacentes à Bíblia, naquele célebre Museu [...]”¹¹⁰.

O que é interessante observar que, no Iraque, o museu preservava e catalogava a história dos povos antepassados,

o saque do Museu Arqueológico de Bagdá representa uma perda irreparável. Trata-se do maior acervo de peças da antiga civilização mesopotâmica que existe. Ainda é muito cedo para avaliar os danos, mas eles parecem consideráveis. Algumas fontes falam de mais de cem mil peças roubadas ou destruídas. Parece que dentre elas estava uma lira suméria ornada com uma excepcional cabeça de touro, em ouro e lápis-lazúli. Ela provinha das tumbas reais da cidade de Ur e pode ser vista em qualquer livro de história da arte antiga¹¹¹.

Este trecho de Miguel Glugoski¹¹² destaca a importância que tinha este museu para o mundo, ainda sem saber do tamanho do estrago da destruição, na época em que foi escrito o artigo. Este aponta para alguns objetos muito importantes, como uma lira, objeto antigo da civilização da suméria, que se perdera com a destruição do museu, que fazia parte da história deste povo. Apesar da perda irreparável para a cultura, estes povos influenciaram toda a cultura ocidental, – a transmigração está presente em Sócrates e Platão, – os dois mundos pensados por eles, – o ideal e o real, – são tidos como um a sombra do outro, ou seja, não deixa de ser uma visão indiana¹¹³. Com isto, “o mundo da realidade espiritual no seu desdobramento, que é o derramamento que deve voltar, mas a matéria é uma sombra, é o fator negativo e limitante”¹¹⁴. “Embora existindo as visões judaico-cristã e muçumana, que é do oriente médio, a visão indiana trouxe a ideia de que Deus criou a matéria”¹¹⁵. Esta visão oriental sobre a espiritualidade que, segundo o

¹⁰⁹ Ibidem, p. 442.

¹¹⁰ Ibidem, p. 441-442.

¹¹¹ GLUGOSKI, 2003

¹¹² Jornalista e ex-editor chefe do jornal da USP.

¹¹³ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 442.

¹¹⁴ NEUTZLING, 2003, p. 442.

¹¹⁵ Ibidem.

Presbítero, tem influência do oriente médio, é totalmente oposta à visão oriental sobre a matéria.

A influência oriental vem sobre Deus, que criou todas as coisas, contudo, as visões Judaico-cristã e mulçumana consideram a matéria boa, não possuem visões negativas e limitantes sobre a matéria, mas algo que é bom. Com este entendimento, estas religiões influenciaram todo o ocidente, em olhar a matéria como positiva, “[...] e mesmo nas suas separações, têm basicamente a ideia da ressurreição que as religiões monoteístas possuem”¹¹⁶.

Segundo Agemir Bavaresco¹¹⁷, a “[...] tradição Oriental [é] uma tendência de o sujeito desprender-se da matéria para unir-se misticamente ao Uno, dependendo de cada uma das tendências”¹¹⁸. Aqui, o Presbítero aponta para o espiritismo especialmente no Brasil, e especificamente com destaque à cidade de Pelotas, afirmando que a metade da população é espírita¹¹⁹.

A visão indiana pode ter influenciado Platão e Descartes, porque o primeiro tem uma visão mais de *transmigração* da alma e o segundo desmembra o corpo e o espírito. Já Alan Kardec escreve uma obra chamada *Evangelho Segundo Alan Kardec* sobre a teoria do espiritismo, que apresenta uma interpretação indiana¹²⁰.

A partir do espiritismo, a matéria é considerada ruim até pelo fato de que a pessoa dela necessita desencarnar, não pode ficar preso ao corpo. Esta reencarnação é realizada até que a pessoa consiga uma auto-salvação, por esforço próprio¹²¹, o que poderia tornar-se um ciclo vicioso. Nesta visão, “[...] o espírito fica pelo livre-arbítrio individualizado; não é como lá no velho hinduísmo, que se fundia no Atman”¹²². A intenção de apresentar a visão espírita é mais para explicar que dentro da cultura ocidental há visões totalmente diferentes do judaísmo-cristão e muçulmano.

O cristão considera que “[...] em Jesus Cristo a matéria é salva em Deus, na ressurreição. Esta é a visão teológica e filosófica, porque, se Jesus ressuscita, e nós em Jesus, logo a matéria é salva”¹²³. O surgimento do pecado não é por causa da

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Entrevistador.

¹¹⁸ NEUTZLING, 2003, p.442.

¹¹⁹ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 442.

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ Ibidem, p. 442-443.

¹²² NEUTZLING, 2003, p. 442.

¹²³ Ibidem, p. 443.

matéria, mas por causa que toda a pessoa tem “[...] livre-arbítrio, que é usado contra o plano de Deus ou contra a natureza”¹²⁴.

Para o cristianismo que não deseja entrar em atrito com o espiritismo, o corpo não é mal, ele não é a fonte do pecado. O pecado surge com o livre arbítrio, ou seja, a maldade (o pecado) está nas escolhas pessoais, não está na carne e, por isso Presbítero Neutzling menciona que o meu corpo não é mau ou bom. O livre arbítrio é que escolhe praticar ou não o pecado.

No cristianismo, acontece a ressurreição, a matéria é salva, não há uma negação da matéria, a matéria é boa. Diferente da visão do hinduísta ou perspectiva indiana, que tem no Brasil alguns "respingos" no espiritismo. O corpo é mau, precisa reencarnar-se em um outro momento, para que a alma se salve, o que é diferente no cristianismo e nas outras grandes religiões monoteístas¹²⁵, que possuem a mesma visão de ressurreição. O mais interessante é que Neutzling deixa claro que: “esta é a visão nitidamente cristã, católica, luterana, ortodoxa. [...]. A outra é uma visão hinduísta ou indiana, mas não é a visão das grandes religiões monoteístas”¹²⁶.

Neutzling é questionado sobre se o cristianismo tem algum componente fundamental na dimensão histórica e se esta não estaria oculta nas outras religiões¹²⁷. Afirma-se aqui que o espiritismo, está aqui há mais de 150 anos, no ocidente, possui uma consciência histórica, que vem desde a modernidade, que recrudesce do renascimento e que é construído desta consciência histórica humana¹²⁸.

A visão Judaico-cristão-mulçumana, segundo Presbítero Cláudio, possui fatos claros, para este componente fundamental da consciência humana, com fatos claros – afirma o Presbítero – que existiram na história. Como exemplo:

É Abraão, que é uma pessoa muito clara, depois Jesus Cristo, uma pessoa, que diz a Pilatos que ele tem compromissos com o Império Romano. Não é um mito, algo que surgiu numa briga de deuses, um derramamento de deuses para fora, numa visão panteísta. Claro que não! São fatos históricos que fundamentam as religiões monoteístas que eles chamam de revelação¹²⁹.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 443.

¹²⁶ NEUTZLING, 2003, p. 443.

¹²⁷ Cf. NEUTZLING, 2003, p. 443-444.

¹²⁸ Ibidem, 444.

¹²⁹ NEUTZLING, 2003, p. 444

O Presbítero quer trocar de assunto, não quer mais falar sobre a morte “[...] reduzida à vida ligada à física, de moléculas ou células”¹³⁰. A crença na ressurreição é certa, mas afirma que não sabe como que se constitui precisamente a ressurreição, afirmando que mesmo no cristianismo, esta dúvida é presente. Mas algo se sabe: que a crença que o Presbítero tem é que não é a matéria “[...] a causa do mal”¹³¹. Está é a visão judaico-cristã, que a matéria não é a causa do mal e não é sair da matéria, o problema do mal, pois a matéria já está salva.

Um ponto importante é observar, que a sua calma – pelo que transparece – é que as pessoas não devem se preocupar com esta situação que estão vivenciando, porque ele acredita nos seus dados filosóficos e teológicos. Afirma que seu posicionamento pode não ser igual ao dos gregos sobre a imortalidade “[...] no sentido racionalista, em que há só a alma como um ser corpóreo-espiritual, mas faz parte do meu horizonte filosófico e teológico que eu enfrente a morte com dignidade”¹³².

O ser humano, ao se deparar com a morte, tem que ter a coragem para enfrentar com dignidade. Segundo Leo Pessini¹³³, o homem não tem como controlar a vida, a morte deve ser com dignidade e não querendo fazer eutanásia ou distanásia.

Reconhece-se que cada ser humano possui a dignidade de pessoa, sem discriminação de raça, cultura, religião, estado de saúde ou condições sócio-econômicas. Esta dignidade constitui um valor imutável e intangível, que não pode depender das circunstâncias existenciais concretas, nem ser subordinado ao juízo de ninguém. Mesmo reconhecendo como dever próprio da medicina, bem como da sociedade, a busca de uma qualidade de vida melhor para qualquer ser humano, ela não pode e não deve constituir o critério definitivo de juízo sobre o valor da vida do homem¹³⁴.

A dignidade da pessoa vai além da medicina, dos processos judiciais para a prática ou não de eutanásia ou distanásia, dos dilemas familiares. A pessoa que está em estado vegetativo, por exemplo, não tem o direito de prolongar ou abreviá-la. A perda desta dignidade pode também ser considerada pelo medo de se expor diante da morte, como o próprio Presbítero fala de sua experiência em velórios, ver

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ Ibidem.

¹³² Ibidem.

¹³³ Doutor em Teologia Moral/Bioética.

¹³⁴ PESSINI, 2009, p. 162.

os rostos tapados com lenços brancos, nem muitas vezes sendo tirado para celebração das exéquias¹³⁵.

A dignidade da morte está presente na personalidade do Presbítero, “[...] faz parte do meu horizonte filosófico e teológico que eu enfrente a morte com dignidade. Eu acho que as pessoas têm que ter a coragem de fazer isso aí”¹³⁶.

5 CONCLUSÃO: SOFRIMENTO, MORTE E ESPERANÇA

É importante lembrar a preocupação de Neutzling com os outros, como por exemplo, a sua opinião com que ‘as pessoas têm que ter a coragem de fazer isso aí’, ter a bravura de enfrentar a morte, que é algo que afeta a todos, pelas circunstâncias em que se encontram. O seu cuidado para que as pessoas tenham uma compreensão correta sobre a morte é de impressionar, colocando o seu conhecimento para que outras pessoas possam lançar mão da reflexão, ajudando-as a criar esta dignidade.

A sua resposta é clara e objetiva “[...] fugir da morte, esconder a morte, eu acho um fingimento do Ocidente; é o Ocidente que não vê suas raízes, sua história e sua realidade; é sair do concreto”¹³⁷. Isto demonstra que não é escondendo a morte que a humanidade, ou seja, a cultura ocidental viverá, pensando que é infinito, mas se deparará, em algum momento da vida com a morte.

Neutzling faz algumas perguntas “tu não és mais tu. Quem tu és? Tu és um ser limitado, finito, que vai morrer”¹³⁸. Este questionamento é para afirmar que o ser humano não deve fugir da morte, compreender para si que a morte é o limite da existência humana, enquanto matéria, ir além da matéria.

Presbítero descreve para o telespectador a oportunidade de cada pessoa construir a sua concepção de morte, apesar de saber que o sentido é alterável. O sentido da morte para o Presbítero é buscado “[...] no esquema judaico-cristão e nos filósofos me ajudam a refletir sobre isto”¹³⁹.

Então eu digo assim: eu tenho medo do sofrimento. Eu estou bem, aqui. Eu não sei como vai ser. Eu disse logo ao bispo Dom Jayme, quando me

¹³⁵ Cerimônia religiosa.

¹³⁶ NEUTZLING, 2003, p. 444.

¹³⁷ Ibidem, p. 444 – 445.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Ibidem, p. 445.

visitou: meu medo é o sofrimento. Eu preferiria morrer com esta gripe asiática em 24 horas. Mas isso não sou eu que decido. Nem a concepção judaico-cristã, nem a muçulmana admitem o suicídio e a eutanásia: 'vamos matá-lo', outro coloca os instrumentos. O ocidente começa a dizer: 'eu sou'! Essa rebeldia moderna: 'Eu sou absoluto' dono de mim mesmo. Eu então também decido a hora de me matar. Mas isso é, realmente a modernidade que perdeu suas raízes da caminhada histórica. Nós estamos num contexto maior em que a vida nos é dada como presente. E nós como disse Sartre, chegamos a um momento de um deslinde e temos uma leitura, como uma chave maior para compreender esse deslinde. Por que é dolorosa? Por uma série de razões, aí entramos numa série de discussões, mais de ordem teológica¹⁴⁰.

Estar consciente da possibilidade de enfrentar a morte a qualquer momento não quer dizer que a pessoa não tenha medo do sofrimento que ela possa causar. O Presbítero lança a possibilidade de morrer com a gripe asiática, pelo fato de matar a pessoa sem o sofrimento por que está passando no momento, com o câncer.

O sentido que tem sobre a morte é na visão judaico-cristã e a muçulmana, que não admite a morte por suicídio e eutanásia, pelo fato de que não é ele, perante a sua concepção que irá determinar o momento da morte. A modernidade começa a se revoltar, colocando o *eu* no centro de tudo, como dono de si.

A forma que organiza o seu pensamento, a clareza conceitual que possui sobre a morte, e sobretudo, a fé que possui, faz com que ele pense desta forma:

[...] eu não vou abusar de Deus. Eu não vou chantagear Deus. Fazer uma chantagem com Deus. Não mesmo! Deus, eu estou em suas mãos e Ele sabe o que faz. Eu confio na sua Providência, porém, eu não devo exigir um milagre de Deus. Isto seria abusar de Deus. Eu até posso dizer: Deus é quem sabe. Eu estou nas suas mãos. Eu tenho que contar com o fato do 1% ou quem sabe 0,1% e olhe lá, de um eventual milagre. Eu tenho que contar com a realidade da morte, a qual todo o ser humano vai enfrentar¹⁴¹.

O entrevistador considera que Prbo. Cláudio tem uma “[...] lucidez e o saber enciclopédico deste testemunho que o professor Cláudio nos dá hoje neste programa. Durante mais de trinta anos lecionou, daí a sua destreza em passar pela História da Filosofia, tratando de teorias e autores. E, neste momento, podemos dizer, com uma coerência de vida e doença, na clareza de um ato de fé e esperança”¹⁴². Sem dúvidas, o professor Cláudio é uma pessoa que conseguiu, nesta entrevista, passar por toda a história da filosofia, apresentando a sua reflexão

¹⁴⁰ NEUTZLING, 2003, p. 445

¹⁴¹ Ibidem, p. 446.

¹⁴² Ibidem.

da morte, com fundamentos teóricos, filosóficos e teológicos. Neste momento, a esperança não é

[...] só terrestre, mas também plena de transcendência. Não é desesperança, o choro, embora seja difícil de enfrentar, mas acho que há uma grande esperança, que certamente, a Filosofia e a Teologia me oferecem e ainda a solidariedade das pessoas às quais eu agradeço¹⁴³.

Enfrentar esta dificuldade é encarar com esperança, e esta esperança, que ao concluir a entrevista reconhece que existe algo superior e que pela sua crença, levará após a morte, à ressurreição. Neutzling demonstra a gratidão pela oportunidade de expor o seu pensamento da morte com fundamentos filosóficos e teológicos.

Ao concluir a entrevista, o Presbítero deseja que nenhuma pessoa “[...] tenha ficado muito assustado, tratando de um assunto tão difícil”¹⁴⁴. Relembra o Presbítero que independentemente como se considera a Semana Santa “[...] em termos religiosos ou folclóricos, celebrou-se a paixão, morte e ressurreição de Jesus. Por isso, nos propusemos a um debate filosófico-teológico sobre vida, morte e esperança”¹⁴⁵.

Aqui se encontra toda a razão da sua entrevista, como cristão, perto de celebrar (naquele ano) a Semana Santa, se dispôs a contribuir com este debate, refletindo sobre questões tão delicadas para as pessoas.

BIBLIOGRAFIA

BOUSSO, Regina Szylit; POLES, Kátia. Morrer com Dignidade: Um Desafio Atual. In: SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. **A Arte de Morrer**: Visões plurais. v. 1, p. 137-144. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009.

CASSORLA, Roosevelt M. A Negação da Morte. In: SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. **A Arte de Morrer**: Visões plurais. v. 1, p. 271-279. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. p. 119-128. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 446-447.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 447.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. p.279-314. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

GLUGOSKI, Miguel. Quem responde pelos danos a cultura?: Só do Museu Arqueológico de Bagdá foram retiradas ou destruídas mais de cem mil peças. É mais um round na pilhagem de bens culturais da Mesopotâmia que se repete ciclicamente. **Jornal da USP**. São Paulo, ano XVIII, n. 640, 5 a 11 maio 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp640/pag0607.htm>. Acesso em: 01 abr. 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback. v. II. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universidade São Francisco, 2005.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. p.52-77. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

NEUTZLING, Cláudio. Vida, morte e esperança. Programa Filosofia e Sociedade, TV UCPEL, 23 de abril 2003. OLIVEIRA, Avelino da Rosa; OLIVEIRA, Neiva Afonso [org.]. **Fides et Ratio**: Festschrift em homenagem a Cláudio Neutzling. Pelotas: EDUCAT, 2003. p. 429-447. Entrevista concedida a Frei Agemir Bavaresco.

NEUTZLING, Cláudio. **Aspectos da filosofia oriental**. Pelotas, UFPEL, 02 dez. 1991. Palestra concedida na Semana Acadêmica do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

NEUTZLING, Cláudio. **Fenomenologia existencial**. Anotações. [s.l.], [s.d].a

NEUTZLING, Cláudio. **Filosofia oriental**. Anotações. [s.l.], [s.d].b

PESSINI, Leo. Vida e Morte: Uma Questão de Dignidade. In: SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. **A Arte de Morrer**: Visões plurais. v. 1, p. 159-171. Bragança Paulista, SP: Editora Comenius, 2009.

PICCININI, Victorino. Cicero e a Velhice. **Diário Popular**. Pelotas, 16 abr. 2003. Disponível em: http://srv-net.diariopopular.com.br/16_04_03/artigo.html. Acessado em: 28 mai. 2014.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2011.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.